

Rotina de passeios, hino e oração

Tudo é diferente no Hospital de Apoio. O banho, por exemplo, é debaixo do chuveiro. Não em cima da maca, dentro do quarto, como é comum a doentes terminais. A maca ou cadeira de rodas — dependendo do estado do paciente — é levada para o banheiro. “Isso dá mais estímulo. Ajuda até na auto-estima do paciente”, comenta o chefe da enfermagem, Wellington Silva.

Proporcionar auto-estima dos doentes é lei naquele lugar. Toda semana, abrem-se as portas para visitas de grupos das mais diferentes religiões e filosofia de vida. Eles oram pelos doentes.

Em datas cívicas, no pátio, a Bandeira é hasteada. Os pacientes — evidentemente os que têm condição e querem — cantam o Hino Nacional. “É uma forma deles não perderem suas próprias referências”, justifica Silva.

A direção promove passeios com os doentes a shoppings e parques. Todos vão com roupões — uma espécie de moletom — comprados especialmente para a ocasião. Nada de pijamão com as iniciais do hospital. A cada 15 dias, um médico urologista do Hospital de Base (HBDF) vai ao Apoio falar sobre sexo aos paraplégicos. “Não queremos que o paciente seja apenas mais um número”, afirma Delma-son Carvalho, chefe da internação.

Jucelino Aparecido da Silva, de



Jucelino está há dois anos e meio no Apoio, onde toca violão e faz artesanato. “Aqui é minha família”

24 anos, tem certeza de que não é mais um número no Hospital Apoio. Depois de um acidente onde uma árvore caiu nas costas dele (ele era cortador de árvores em Mato Grosso), ficou paraplégico.

Primeiro foi atendido no HBDF. Passou pelo HRAN, voltou para casa e agora, há dois anos e meio, está no Apoio. “Aqui é minha família. Faço artesanato e leio muitos livros”, conta. Nas horas vagas, toca violão e compõe baladas sertanejas. “Descobri que a felicidade é uma questão de momentos.”

Consciente do estado do marido Valdemar Andrade, 60 anos, a dona de casa Teresinha Souza Andrade, de 50 anos, agradece: “Os funcionários daqui são mais humanos. Tem remédio na hora certa, tudo direitinho”.

Com câncer no esôfago em estado terminal, Valdemar não fala mais. Ontem, com gestos, pediu para tomar banho de sol. Na cadeira de rodas, o esquelético paciente olhava perdido para o pátio. “A gente tem que aceitar o que Deus quer”, resigna-se Teresinha. (MA)

Recursos são insuficientes

Mantido pela Secretaria de Saúde com verbas do Sistema Único de Saúde (SUS), nem tudo é um mar de rosas no Hospital de Apoio. Muita coisa ainda precisa ser feita. “Não temos macas de alumínio para dar banho nos pacientes. Elas são mais leves que as de metal”, conta o auxiliar de enfermagem Paulo Roberto Porfírio, de 33 anos. “Estamos improvisando o banho em cadeiras de rodas adaptadas”, continua.

Além disso, faltam botas de plástico para os auxiliares entrarem no banheiro. “Hoje (ontem) fui dar banho em um paciente e molhei todo o meu tênis”, reclama outro auxiliar, Jeovane Braúnas, de 25 anos. (MA)